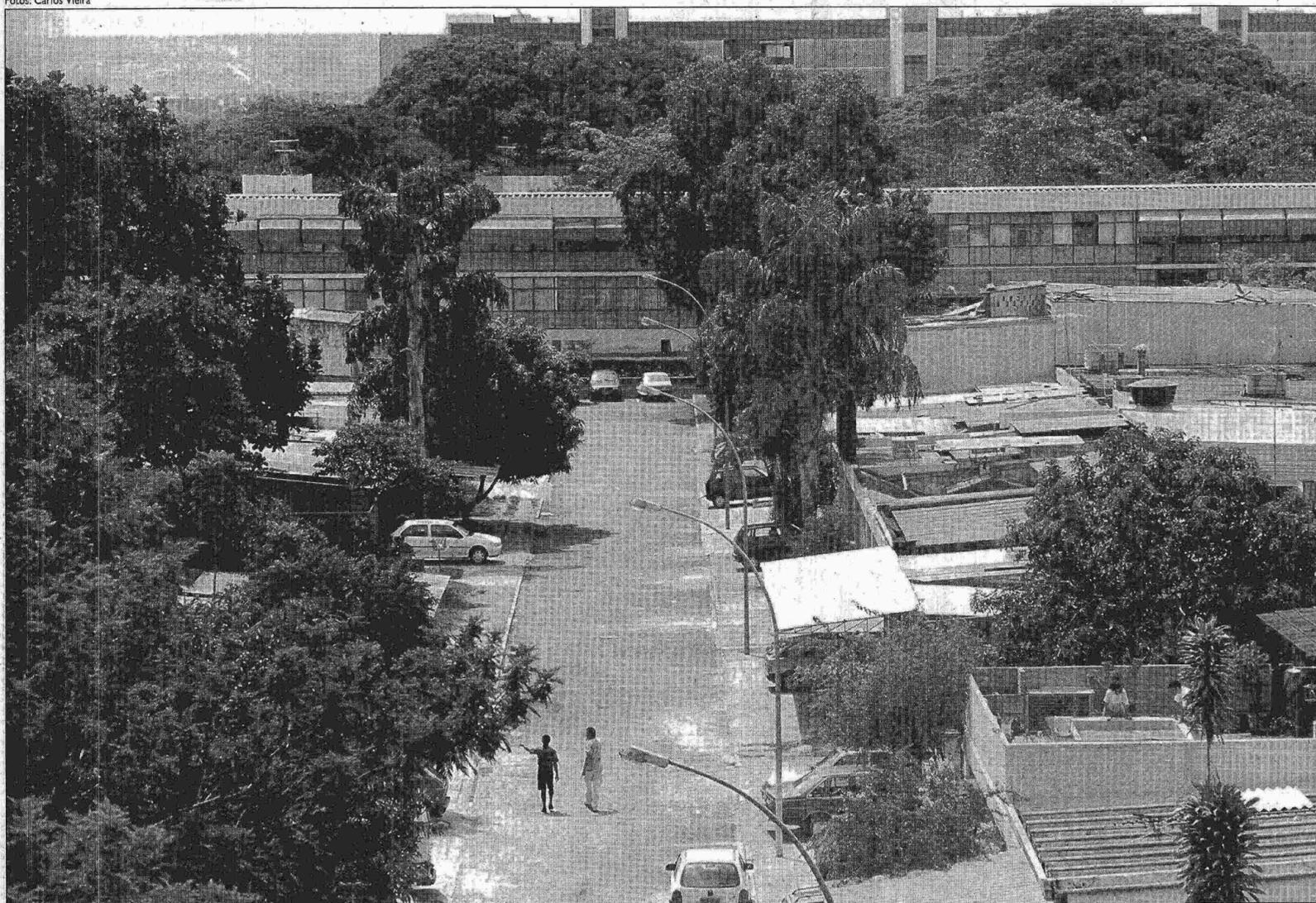


# DE QUADRA EM QUADRA

Fotos: Carlos Vieira



Fundada em 1962 e administrada pelo Banco do Brasil durante seis anos, a 714 Sul tem uma boa localização — está perto de supermercado, colégios, hospitais e até cemitério

## PIONEIRISMO

A 714 Sul existe há

**35**

anos e  
tem cerca de

**2,5** mil

moradores,  
que vivem em

**8**

blocos de dois andares  
e em

**88**

casas.

## Um lugar tranquilo até demais

*Silêncio é maior característica da 714 Sul, onde moradores se acostumaram à calma. Prefeito reclama de abandono de área pública*

Um velho par de chinelos e um dia pra passear é tudo o que a maioria dos moradores da 714 Sul precisa para viver tranquilamente. Nesse caso, pode-se dizer que o ambiente em que eles vivem ajuda bastante. Os espaços entre as casas e apartamentos estão totalmente ocupados por abacateiros, mangueiras, pinheiros brancos, jamelões, jaqueiras e outras árvores. A quadra é uma das mais arborizadas do Plano Piloto.

Mesmo localizada entre colégios, clínicas e supermercados de grande movimento, uma das principais características da área é o silêncio. Às vezes, a calma pode ser interrompida pela passagem de estudantes famintos e barulhentos, que saem dos colégios e rumam em direção à W3, ou pelos palavrões impubescíveis lançados no ar por *peladeiros* de fim de tarde, a maioria oficinheiros da região, que improvisaram um campinho de futebol com traves de madeira em frente do bloco D. Mas o silêncio e a tranquilidade sobrevivem quase sem arranhões na maior parte do tempo.

“Morar aqui tem suas vantagens”, conta o morador Inácio da Silva, de 74 anos, que vive há 23 anos no bloco M. “Se você for assaltado, está perto da 1ª Delegacia de Polícia. Se ficar doente, tem vários hospitais em volta. E, se morrer, está pertinho do cemitério (o Campo da Esperança, no Parque da Cidade)”. O bem-humorado Inácio, eleito

síndico do bloco há quatro meses, lembra dos tempos em que a W3 era mais movimentada. “Antigamente, tinha belas padarias e muitos bares por lá”, recorda. “Hoje, há mais lojas de autopeças. O armazém mais próximo está a duas quadras daqui”.

Outra reclamação de Inácio — que na verdade assume mais um tom de comentário — é a frieza da maioria dos vizinhos. “Aqui no bloco, algumas pessoas se falam, mas muitos vivem meio fechados”, diz o bancário aposentado. “Brasília é um pouco assim mesmo. Tem gente que mora em um mesmo apartamento por dez nos e não sabe nada da vida do vizinho.”

### CHINELOS

De chinelos, bermuda e camisa regata, outro bancário aposentado que mora no bloco M, José Ribeiro, de 71 anos, confessa: “Sou uma criatura que vive dentro de casa”. Esse parece ser o perfil de grande parte dos moradores da quadra. “Isso é próprio de Brasília”, avalia José Ribeiro. Ele e a esposa chegaram à quadra em 1962. Mudaram-se, dez anos depois, para a 409 Sul e resolveram voltar para a 714 em maio passado, depois que o apartamento foi reformado.

“A quadra está um pouco descuidada, mas eu gosto muito desse lugar”, garante José Ribeiro, que costuma receber os dois filhos e os cinco netos no apartamento. “Além da



Inácio da Silva, morador há 23 anos: pertinho do Campo da Esperança

tranquilidade, somos bem servidos em termos de comércio. Temos supermercados, farmácias e o Teatro dos Bancários aqui perto (na 514/515 Sul)”.

A mulher de José Ribeiro, Augusta, de 67 anos, lembra os primeiros anos da 714 Sul. “No início, quando a quadra era mantida pelo banco, tudo aqui era muito bonito”, conta Augusta. Os primeiros moradores da quadra eram funcionários do

cachorros em quase todas as casas da quadra. “Adoro cachorros”, confessa Maria de Lurdes. “Os cachorros não são falsos como os seres humanos.”

Essa convicção serve de justificativa para o estilo de vida de Maria de Lurdes. “Já invadiram minha casa e levaram a filmadora, o vídeo e outras coisas”, recorda. “Alguns vizinhos viram os ladrões saindo com as malas cheias e ninguém fez nada. É por isso que eu vivo trancada”.

Além dos seis cachorros, ela instalou um alarme na casa e pôs cadeados em todas as portas. Quando fala dos cachorros, Maria de Lurdes fica mais à vontade. “Outro dia roubaram o Bob, que estava tosado e com a gravatinha, enquanto ele brincava na rua e eu estava ocupada”, lamenta. “Agora a Lana, a fêmea dele, vive chorando. A pobrezinha está arrasada.”

Maria de Lurdes vive na casa com o marido e um filho. Mora na 714 Sul há 20 anos. Ela conta que antes havia mais segurança e policiamento na quadra, mas garante que não muda para outro lugar. “É por isso que eu zelo pelo meu cantinho.”

Na casa há dois dálmatas (Atlas e Rinsk, em homenagem ao compositor clássico), dois pastores alemães (Sheik e Lady), a cocker spaniel Lana (o Bob foi roubado) e mais um cachorrinho que ela pegou para criar e que chama de “Mosquitinho”.

“Aqui tem sempre lugar para mais um”, faz questão de dizer. Ela anda preocupada com os meninos que entram na rua guiando carros em alta velocidade. “É preciso construir um quebra-molas na entrada da rua o quanto antes para evitar acidentes”.

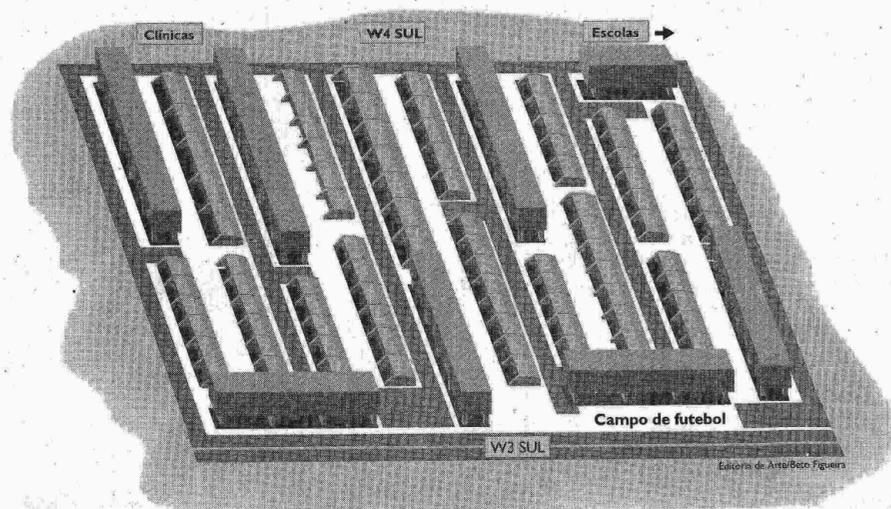
## Mais jacas e segurança

Zelador do bloco C há oito anos, Francisco do Nascimento Filho, de 40 anos, mora com os dois filhos e a mulher no andar térreo do bloco. Diariamente, apara a gramã, lava o piso, limpa as escadas e faz os serviços de manutenção do prédio. É ele quem cuida dos canteiros perto do bloco.

Ele espera com ansiedade a chegada da primeira jaca no pé plantado na porta de sua casa. “Deu uma florzinha este ano, mas não segurou porque a árvore é muito nova”, diz Francisco. “Quem sabe no ano que vem...”, sonha. O zelador tem dois filhos pequenos e cria um cocker spaniel (Ralf), um dos muitos

cachorros da quadra no final da Asa Sul. “Quase todo mundo tem cachorro aqui”, conta Francisco. “Eu gosto de morar aqui. Tem muitos supermercados por perto e bares na W3, onde às vezes o pessoal se encontra para bater um papo no final da tarde.”

O morador Benedito Falcão, de 62 anos, que também é um apreciador da tranquilidade da quadra, levanta um outro problema: a falta de segurança. “No mês passado, roubaram o Fusca do meu filho que estava estacionado perto do bloco”, conta Benedito. “E não foi o primeiro carro roubado na quadra”, completa.



Escritório de Arte/Beto-Figueroa